

O alicerce

Jaldo de Souza Santos,
Presidente do Conselho Federal de Farmácia

Não se constrói uma casa, a partir do telhado. É do alicerce, sólido, inabalável, que ela brota. Até atingir a cumeeira, são precisos cálculos de engenharia, materiais de primeira, mestre de obra, pedreiros e auxiliares, carpinteiros e marceneiros altamente qualificados. Um pequeno erro, e a construção pode ruir. O Conselho Federal de Farmácia está empenhado em ajudar a construir um farmacêutico de conhecimento e qualificação sólidos. Esta é uma construção diferente, pois o conhecimento e a qualificação são, a um só tempo, alicerce e cumeeira, vez que o profissional se valerá deles, pela vida afora, qualquer que seja o segmento em que ele atua, qualquer que seja o nível de exigência a que é submetido, sob as formas de base e de aprimoramento. O conhecimento e a qualificação são como fontes que não podem secar.

O Conselho Federal, criado como uma autarquia especial voltada para a ética profissional da categoria, nunca, entretanto, negligenciou sobre o conhecimento farmacêutico. Mas foi a partir da I Conferência Nacional de Educação Farmacêutica, realizada pelo CFF, em agosto de 2000, em Brasília, que nos debruçamos, com mais profundidade, sobre o assunto. Ali, precipitamos as reflexões e questionamentos sobre como está a educação do profissional e começamos a traçar propostas para resolver os problemas.

A Conferência foi uma radiografia do ensino de Farmácia, no País. O evento reuniu excelências da educação farmacêutica brasileiras e do exterior, atendendo a nosso convite. A radiografia trouxe um resultado preocupante. Ela revelou que o ensino não está bem. Precisa de ajustes urgentes em sua rota, sob pena de ficar à deriva.

Uma unanimidade entre os conferencistas foi a de que o ensino está muito distante das realidades social, econômica, sanitária, técnico-científica, empresarial brasileiras. É como se uma muralha chinesa separasse o ensino ministrado dentro das quatro paredes das universidades da realidade que o futuro farmacêutico terá que enfrentar. Ora, a Universidade é a grande oficina da sociedade, que a nutre com recursos, aguardando que ela gere inteligência, pensares, tecnologia, projetos e ações que venham melhorar a sua qualidade de vida. Isolar o aluno em quatro paredes, de sorte que, só após formado, ele conheça o mundo no qual vai atuar – e, de preferência, interferir para melhorá-lo – é, no mínimo, uma *nom sense*.

Em junho deste ano, realizamos, em São Paulo, a I Encontro Nacional dos Farmacêuticos da Indústria. Foi outro Raio X do conhecimento farmacêutico. A chapa revelou que há problemas na qualificação de grande parte dos profissionais que atuam na indústria. Em verdade, há um enorme descompasso entre a indústria farmacêutica, nutrida da mais moderna tecnologia e conhecimentos científicos - situações que lhe imprimem

uma ultra-rápida transformação - e o farmacêutico recém-formado.

Este vai bater às portas da empresa, munido de um conhecimento, muitas vezes, ultrapassado. São problemas que podem estar no alicerce, apontaram alguns dos nossos convidados, como os presidentes da Abifarma (Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica), Ciro Mortella, e da Alanac (Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais), Dante Alario, e o vice-presidente executivo do Sindusfarma (Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos no Estado de São Paulo)-SP, Lauro Moretto, entre tantos outros participantes.

O CFF está preocupado com esta realidade. O farmacêutico – e disto nos orgulhamos – é um profissional inquieto, sempre sedento de informações, de novos conhecimentos, de qualificação. Tamanho é o seu empenho em se qualificar, que essa busca, dadas as proporções, transformou-se numa espécie de cultura da categoria. Mas o farmacêutico acaba esbarrando-se em dificuldades, como o acesso a boas e renovadas fontes de conhecimento.

Diante disso, resta-nos lutar para interferir na educação, em todos os níveis. Vamos propor mudanças nos currículos dos cursos de Farmácia, ampliar a oferta de cursos de educação continuada à distância etc. Vale salientar que a nossa revista PHARMACIA BRASILEIRA já vem trazendo, há muito tempo, um curso de educação continuada, a cada edição. Em todas essas propostas, cuidaremos para ter como básico o acesso universal do farmacêutico ao conhecimento.

Queremos atingir todos os farmacêuticos, onde quer que ele esteja. Preocupamo-nos aqueles colegas que se encontram nos mais distantes rincões deste País, muitas vezes, atuando sob condições desfavoráveis, sem acesso à Internet e a outras fontes de conhecimento, mas com uma grande sede de saber.

Todos, sem distinção, necessitamos de reciclar os conhecimentos. É o conhecimento fresco, novo, completo que nos coloca em nosso tempo. Queremos ter a nossa base filosófica com a qual humanizamos o nosso dia-a-dia e mantemos a nossa bússola sempre apontada para a ética. Mas também precisamos daquele pragmatismo e utilitarismo saudáveis e transformadores de Benjamin Franklim.

A nossa profissão é mesmo atípica. Uma das mais antigas da humanidade, ela é também uma das profissões do futuro. É plena de novidades, transforma-se permanentemente e novas portas são abertas aos farmacêuticos. Em compensação, novas exigências também lhe são feitas. Só há mesmo uma forma de entrarmos livremente em cada uma dessas portas: com o conhecimento e a qualificação. Eles é que edificam a casa farmacêutica. Mãos à obra.

